

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Política Nacional de Humanização do Ministério da Saúde (PNH)

Superar a qualquer preço

História de [José Souto da Silva](#)

Autor:

Publicado em 00/00/0000

Projeto Política Nacional de Humanização – Ministério da Saúde

Entrevistado por: Sueli Andrade

Depoimento de José Souto da Silva

Rio de Janeiro, 24 de novembro de 2006

Realização Museu da Pessoa

Depoimento: PNH_HV005

Transcrito por: Susy Ramos

Revisado por: Nataniel Torres

P/1 – Boa noite!

R – Boa noite!

P/1 – Pra gente começar, eu queria que você falasse seu nome completo, local e data de nascimento.

R – Meu nome é José Souto da Silva, nasci no 25/7/1956.

P/1 – Qual sua profissão, José?

R – Sou servidor público, trabalho no Ministério da Saúde desde 8 de janeiro de 1975.

P/1 – Em que local você trabalha?

R – É na Rua das Laranjeiras, 374.

P/1 – José, o que é a humanização da saúde pra você?

R – A humanização da saúde pra mim, é você construir, dentro da área da saúde, uma política de integração com todos os trabalhadores e usuários, de maneira que você envolva em toda essa política, e nessa rede, a responsabilização, não só dos trabalhadores, mas dos usuários também. Porque isso é uma parte integrante e principal da prestação da assistência à saúde. Eu vejo hoje, por exemplo, a Política de Humanização como um fato inovador no modelo de gestão da política da saúde no Brasil. Eu acredito que nada está resolvido, mas a vontade que eu tenho observado, não só na gestão das Unidades, como dos próprios trabalhadores em mudar esse quadro que a gente vem acompanhando a algum tempo, que a médio prazo com certeza tenhamos uma resposta não totalmente resolvida, mas de certa forma, com resultado bem satisfatório em relação a qualidade apresentada anteriormente.

P/1 – Você, enquanto servidor, presenciou alguma situação em que a humanização estivesse acontecendo? Alguma experiência vivenciada, alguma história que você pudesse contar?

R – Dentro da Unidade que eu trabalho, o Instituto Nacional de Cardiologia, nós temos primado, com base nesse conceito de fazer com que o próprio usuário quebre essa cultura de estar sempre numa procura muito grande nas Unidades sem que tenha uma rede melhor definida e melhor informada. Dentro da Unidade, o que eu vejo, é que os pacientes que usam a Unidade onde nós trabalhamos, é que há um grau de satisfação, mas com aquela preocupação de quem está na gestão, e dos próprios trabalhadores, de que ainda há o que fazer em relação ao fechamento de toda essa política. O que a gente percebe realmente, é que o nosso usuário passou a ter uma cabeça mais aberta em relação à procura dos seus direitos. Eu vejo a política de humanização como uma política que tenha agregado muitos valores a isso também, principalmente na questão da resposta a essa assistência que o usuário tanto procura e que às vezes não tem muita facilidade de encontrar. Dentro da Unidade acho que, por sermos uma Unidade de referência em cardiologia, nós temos como propósito: prestar a melhor assistência possível. Mas nem sempre é possível porque você sabe que problemas existem em todas as redes de prestação de serviço público, e não seria na saúde que nós seríamos diferentes. Mas o sonho é superar isso a qualquer preço.

P/1 – E alguma situação de desumanização que você tenha vivenciado ou presenciado?

R – A questão da desumanização, quando a gente traz essa discussão a público, a gente às vezes percebe que há um pouco de resistência das próprias pessoas porque o tema “humanização” parece que tem dificuldade de ser entendido, porque as pessoas falam: “Como vou tratar do assunto humanização se nós somos humanos?”. O que eu vejo, em relação à questão da desumanização, é exatamente essa quebra de direito que, na maioria das vezes, as pessoas ficam jogadas à própria sorte, procurando uma assistência ou um atendimento numa rede que ainda não se fez completa pra responder a essa necessidade. Esse é, talvez, o ponto da humanização que nós precisamos realmente superar pra que possamos garantir uma integralidade em relação à assistência e melhorar também o nível da assistência da humanização.

P/1 – Você teria alguma outra sugestão pra dar em relação a Política de Humanização? Alguma coisa que você vê que não funciona como deveria?

R – O que eu vejo e até sugiro como uma saída para que nós possamos alcançar o objetivo da humanização, é que é preciso ter uma política de valorização dos trabalhadores dentro das Unidades, qualificando os trabalhadores e as próprias Unidades, porque só assim vamos superar essa importância de termos uma Política de Humanização de forma transversal para que façamos acontecer o sonho de termos uma saúde decente pra todos os trabalhadores e pra todo o povo brasileiro.

P/1 – Pra encerrar, o que você achou de ter dado esse depoimento?

R – Eu acho o depoimento importante, até porque o depoimento não pode ser só com avaliação pessoal. Ele tem que alcançar um objetivo mais amplo, exatamente no sentido de fazer com que as políticas públicas talvez sejam as políticas melhores definidas, mas que nós também possamos adquirir confiança na prestação da assistência em qualquer nível da política pública, seja na Educação, na Segurança e na própria Saúde.

P/1 – Ok, José, muito obrigada!

R – Obrigado a vocês e parabéns pelo trabalho!